

MIGRANTE SAZONAL – “AVE FERIDA”

Alfredo José Gonçalves

Migrante ferido no corpo:

não uma vítima da bala assassina,
mas mordido dia a dia pelo chicote invisível do “feitor-gato”;
não um golpe – cruel, único e fatal – definitivo,
mas a saúde se esvaindo aos poucos, em dolorosas gotas;
não o sangue vertido, heroicamente proclamado aos quatro ventos,
mas a morte em migalhas, no trabalho duro para o patrão.
A marmita, pobre, fria e escassa
não é alimento, apenas comida; não nutre, apenas mantém em pé.
A família – corpo maior – é também castigada.
Seu braço forte,
que pode ser o pai, o filho mais velho, ou mesmo a mulher,
periodicamente se estende, buscando em outras regiões e estados,
uma sobrevivência árdua, penosa e amarga.
Como quem sai de casa de madrugada e vai ao trabalho,
regressando pelo cair da tarde,
numa longa jornada de seis, sete, oito meses... repetida todos os anos!
Definitivamente, irremediavelmente, o corpo,
criado para a dança, o canto, o trabalho, o louvor e a celebração,
se vê acorrentado ao ritmo do passo sem poesia,
as pernas pesadas de quem labuta sob regime de escravidão.

Migrante ferido no tempo:

um tempo milimetricamente controlado,
vinte e quatro horas por dia a serviço do senhor Capital.
“Tempo é dinheiro e dinheiro é fruto de trabalho”, diz o grande mestre.
Na nova moeda, os segundos se convertem em centavos,
e não trabalhar é igual a “fazer nada”, perder tempo.
O sol é substituído pelo relógio-despertador;
o ano não mais é medido em estações, e sim em “dias-serviço”;
a referência planta/colheita se transforma em emprego/desemprego.
A festa e a reza dão lugar ao “lazer”,
que não é senão combustível e lubrificante para a máquina.
Ao invés da conversa demorada entre compadres e comadres,
do assuntar leve que se estende noite adentro, com ou sem luar,
torna-se imperativo recuperar as forças num sono curto e agitado,
o descanso do aço e do metal, terrível como um pesadelo,
frio como a lâmina da morte.

Migrante ferido no espaço:

a casa, lugar de encontro, repouso e partilha,
é reduzida ao barracão, ao quarto de pensão,
a uma cama de beliche ou a um colchão no solo úmido,
ou ainda a um simples prego na parede,
onde são pendurados roupas e pertences.
Os moradores não são parentes, compadres, amigos: são peões;
não convivem familiarmente sob o mesmo teto:
tornam-se concorrentes que disputam cada metro quadrado,
cada palmo e até cada centímetro de um exíguo terreno.
E a terra – fonte vital – transforma-se num ser estranho e hostil,
porque não somente é propriedade de outro, mas do grande outro;
senhor não da vida e sim da morte, o qual, ao invés de pão,
produz, a um tempo, luxo e miséria, salários de fome e dólares,
a moeda maldita da exportação e da dependência.

Migrar, para os sazonais, não passa de uma “viagem”, saída a trabalho;
periódica, provisória, com breve retorno,
um “até logo” como quem vai acampar.
“Viagem” que prepara e antecipa a grande TRAVESSIA,
revestidas ambas, tenazmente, de luta, organização e resistência,
em direção à terra sem males, prometida ou não,
onde pés, corpo e alma hão de criar fundas raízes,
e onde terá lugar a festa sem fim do Eterno Baile!